



Cidadãos do céu atuantes na terra: os cristãos e os deveres sociais em Hebreus

*Isaac Malheiros**

RESUMO:

Seguindo uma recente tendência nos estudos do Novo Testamento, este artigo tem como objetivo fazer, através da análise de textos bíblicos e da pesquisa bibliográfica, uma leitura sócio-política de Hebreus no contexto do Império Romano. Essa leitura faz emergir críticas cristãs mais ou menos veladas às reivindicações da Roma Imperial, e cristaliza uma mensagem de resistência a alguns aspectos da sociedade romana, apresentando uma esperança melhor e um estilo de vida condizente com a expectativa escatológica dos primeiros cristãos. As exortações e os relatos a respeito do estilo de vida cristão em Hebreus serão comparados e contrastados com relatos históricos da sociedade romana imperial dos primeiros séculos. O cristão é descrito em Hebreus como um peregrino, um estrangeiro num êxodo em direção ao descanso de Deus e à cidade celestial, mas não se exclui de um mundo que não é mais digno dele. Apesar da cidadania celestial e do chamado para “sair do arraial”, Hebreus não convoca o cristão a afastar-se do convívio coletivo, antes, exige que os cristãos vivam em “amor fraternal”, que pratiquem a beneficência, e a cooperação mútua. Além disso, eles devem praticar o “amor aos estrangeiros”, compadecer-se dos encarcerados e das vítimas de maus tratos. Sobretudo, este artigo destacará, em Hebreus, a advertência contra a avareza e o incentivo a viver com contentamento. Se no império romano os cristãos poderiam facilmente se deparar com as tentações relacionadas à riqueza e ao status, hoje esse alerta de Hebreus pode ser bem aplicado ao materialismo, ao consumismo que deteriora as relações sociais. Através desta pesquisa é possível concluir que Hebreus apresenta uma tensão entre a esperança escatológica de uma cidade celestial e o engajamento cristão nas questões da vida terrena, e que a mobilização cristã pode ser motivada e orientada pelos parâmetros teológicos encontrados em Hebreus. Em suma, a esperança escatológica não paralisa a atuação cristã como sal da terra e luz do mundo, antes, é um fator motivador. A redenção em Cristo tem como implicação principal a justiça sendo manifesta no aspecto social e político, partindo do indivíduo e da cooperação fraternal da comunidade cristã, sem esperar jamais por algum tipo de imposição estatal nesse sentido para então agir. A leitura sócio-política de Hebreus possui nuances políticas plausíveis em seus horizontes e interessantes aplicações contemporâneas, e por isso a tomaremos aqui como base. Este estudo não abordará as polêmicas questões introdutórias de Hebreus (autoria, data e destinatários), mas partirá da pressuposição de que Hebreus foi uma palavra de motivação e exortação direcionada a um grupo de cristãos da segunda metade do primeiro século, a fim de que perseverassem em sua confissão e lealdade, e não abandonassem a fé em Cristo.

PALAVRAS-CHAVE: Epístola aos Hebreus. Política. Religião. Leitura sócio-política.

Introdução

Muitos estudos do Novo Testamento têm seguido uma tendência de ler os textos

* Mestre em Teologia (EST), doutorando em Teologia na *Escola Superior de Teologia*, São Leopoldo-RS, bolsista da CAPES. Contato: <pr_isaac@yahoo.com>.



sagrados usando o Império Romano como pano de fundo. Klaus Wengst (1991) foi um dos primeiros a fazer uma leitura de Hebreus no contexto do Império Romano, identificando ali uma mensagem anti-imperial direcionada aos cristãos perseguidos e desanimados.

De tal leitura política de Hebreus, emerge uma mensagem de resistência às alegações imperiais de uma cidade eterna e um imperador eterno, apresentando uma esperança melhor e um estilo de vida coerente com essa esperança.

O foco desse artigo é exatamente esse estilo de vida descrito em Hebreus como sendo o mais adequado para um cristão. Como devem viver aqueles que aguardam uma cidade celestial? Este estudo não abordará as polêmicas questões introdutórias de Hebreus (autoria, data, etc), mas partirá da pressuposição de que Hebreus foi uma palavra de motivação e exortação direcionada a um grupo de cristãos da segunda metade do primeiro século, a fim de que perseverassem em lealdade, e não abandonassem a fé em Cristo.

1 A cidadania celestial dos cristãos

“Eles passam seus dias na terra, mas são cidadãos do céu” - assim um anônimo descreveu os cristãos na Carta a Diogneto, do século II. A cidadania celestial dos primeiros cristãos era definida por sua lealdade a Cristo e por sua expectativa escatológica de uma cidade eterna. Eles viviam num contexto onde o imperador romano era considerado *divino*, *senhor*, *filho de deus*, *salvador*, cujo império tinha dimensões universais, e a quem se dedicavam altares e monumentos (HORSLEY, 2004, p. 29).

Assim, ao mostrar a exaltação de Jesus sobre tudo e todos, Hebreus (e outros textos do Novo Testamento) opõe-se a tais alegações imperiais, comparando Jesus a César e apontando a superioridade de Cristo (NEWTON, 2012, p. 9-25). Ao aplicar termos imperiais (como *Senhor*, *Filho de Deus*, *Salvador*) a Jesus, os cristãos estavam sendo subversivos: “agem contra os decretos de César, afirmando que há outro rei, Jesus” (At 17:7).

No império romano, religião e política eram inseparáveis, visto que, além de divino, o imperador também era sacerdote supremo, o pontífice máximo (*Pontifex Maximus*). Ao apresentar Jesus como rei-sacerdote, o sumo sacerdote (Hb 6:20; 7:1-3; cf. Hb 1:3-13; 8:1; 10:12; 12:2), Hebreus deixa claro que, além de outro rei, a comunidade cristã tem um reino bem definido, com trono e cetro (Hb 1:8; 4:16; 12:28).

Hebreus também apresenta duas cidades: 1) a cidade com fundamentos, construída por



Deus, Jerusalém celestial que há de vir (Hb 11:10, 16; 12:22); e 2) a “cidade permanente”, de Hb 13:14. Apesar de haver significativo debate a respeito da identificação da segunda cidade (WHITLARK, 2014, p. 102, nota 12), a leitura sócio-política de Hebreus sugere que Hb 13:14 deve estar se referindo a Roma, a *cidade eterna*, que os poetas prediziam que jamais teria fim (WENGST, 1991, p. 142; WHITLARK, 2014, p. 100-121).

O destaque dado à cidade celestial (Hb 11:10, 16; 12:22) ressalta o caráter *espiritual* da comunidade (Hb 11:10, 16), e leva à conclusão que, por mais que se empenhe em edificar cidades, sociedades, comunidades, o cristão deve estar consciente de que o caráter durável de sua cidade está no futuro, não no presente.

Hebreus resiste à *ilusão do império terreno eterno*, seja Roma, Jerusalém ou qualquer outra cidade eterna. Por isso, os patriarcas são apresentados como habitando em tendas (Hb 11:9), em contraste com a cidade que tem fundamentos (que denotam *permanência e estabilidade*) (GUTHRIE, 1984, p. 218). A esperança escatológica cristã inspira-se em peregrinos como Abraão, que habitou temporariamente em tendas, mas exibiu uma fé permanente (KISTEMAKER, 1991, p. 378). Assim, a fé cristã em Hebreus vislumbra permanência e estabilidade na esperança escatológica.

Os patriarcas são chamados de “estrangeiros (ξένοι, de onde vem a expressão *xenofobia*) e peregrinos (παρεπίδημος, residentes temporários, exilados, mais forasteiros de passagem que estrangeiros residentes) sobre a terra” (Hb 11:13). Mesmo na terra prometida, eles continuaram “procurando uma pátria (πατρίς)” (Hb 11:14). Ao descrever os heróis da fé, Hebreus afirma que eles “andaram peregrinos” (Hb 11:37), andando de lugar em lugar.

Esses termos gregos indicam que o cristão-peregrino em Hebreus pode até ter residência fixa, habitar na terra, mas não o faz como dono legítimo, ou como pertencente àquela pátria, e sim como um estrangeiro (GUTHRIE, 1984, p. 217). Esse nomadismo, destacado em Hebreus na habitação em tendas, não se define pelo tempo de permanência geográfica, mas sim pela *esperança escatológica* de morar na pátria melhor, a cidade eterna (Hb 11:16).

A palavra pátria (πατρίς), de uso raro no Novo Testamento (GUTHRIE, 1984, p. 219), não se refere apenas a um lugar para habitar, mas a uma pátria onde uma nação pode encontrar suas raízes, com significados históricos (GUTHRIE, 1984, p. 220). Os cristãos têm suas nacionalidades, mas suas raízes mais profundas não estão aqui, e é lembrado em Hebreus de que há outro Rei, outro Reino, outra Pátria, e outra Cidade.



A *pátria superior* dos cristãos é identificada como sendo *celestial* (Hb 11:16). O celestial é um tema característico de Hebreus: fala da vocação celestial (Hb 3:1), do dom celestial (Hb 6:4), do santuário celestial (Hb 8:5), das coisas celestiais (Hb 9:23), da pátria celestial (Hb 11:16) e da Jerusalém celestial (Hb 12:22). E o *céu* é o lugar onde Cristo ministra e é exaltado para sempre (Hb 7:8; 8:1; 9:24).

O Novo Testamento ensina que “a nossa cidadania está nos céus” (Fp 3:20). A expressão grega para *cidadania* (πολίτευμα) refere-se ao estado, à comunidade; portanto, o cristão pode afirmar que o seu Estado está nos céus. Jesus estabeleceu esse conceito ao declarar que “o Meu reino não é deste mundo” (Jo 18:36), e Paulo afirma que “somos embaixadores em nome de Cristo” (2Co 5:20). Como afirmou Calvino, comentando esse tema, “não haverá lugar para nós entre os filhos de Deus, a menos que renunciemos ao mundo; e que não haverá herança no céu para nós, a menos que sejamos peregrinos sobre a terra” (CALVINO, 1977, p. 248).

A própria galeria dos heróis em Hebreus 11 desnacionaliza a história bíblica, pois a principal característica no perfil dos heróis selecionados nesse capítulo é a *marginalização* em relação à nação de Israel, criando uma linhagem bíblica sem se prender à identidade nacional, uma linhagem aberta aos fieis em geral (BEALE; CARSON, 2014, p. 1207-1208). Ou seja, Hebreus 11 transforma o *status* de heróis nacionais em *status* de fiéis na condição de marginalizados. Por isso, esses heróis são exemplos inspiradores para os cristãos também marginalizados, sem pátria aqui.

Mas como deve viver o cristão peregrino, sem pátria e cidadão do céu? Deve viver apenas na expectativa escatológica, sem nenhum envolvimento com as questões terrenas?

2 Cidadãos do céu atuantes na terra: os deveres sociais

Apesar da cidadania celestial, os cristãos não vivem num mundo etéreo, afastados dos dilemas da vida diária. O chamado para “sair do arraial” (Hb 13:13) não significa afastamento do convívio coletivo, como veremos. Em Hebreus, o cristão é um peregrino, um estrangeiro num êxodo em direção ao descanso de Deus e à cidade celestial, mas não é um separatista alienado. Os cristãos estão peregrinando entre o aqui/agora e o que virá, mas não se excluem de um mundo que não é mais digno deles (Hb 11:38). Como “sal da terra” e “luz do mundo” (Mt 5:13-14), são embaixadores de Cristo (2Co 5:20), representantes do Reino. No entanto,



estão plenamente conscientes da brevidade da vida e da natureza passageira deste mundo, desejando a cidade “que há de vir” (Hb 13:14) (KISTEMAKER, 1991, p. 386).

Em Hebreus, existem alguns blocos principais de textos que trazem orientações a respeito do estilo de vida cristão (Hb 10:24-25, 32-35, e o capítulo 13), que serão analisados a seguir.

2.1 O cuidado mútuo comunitário

Os cristãos são orientados a viver numa comunidade de cooperação mútua: “Consideremo-nos [κατανοῶμεν] também uns aos outros, para nos estimularmos [παροξυσμὸν] ao amor e às boas obras [ἀγάπης καὶ καλῶν ἔργων]” (Hb 10:24).

O verbo κατανοέω tem o sentido de olhar, notar, perceber, estar preocupado com alguma coisa. Aqueles crentes já haviam praticado o ἀγάπη, sendo até elogiados por isso: “Porque Deus não é injusto para se esquecer da vossa obra e do trabalho da caridade que, para com o seu nome, mostrastes, enquanto servistes aos santos e ainda servis” (Hb 6:10).

O substantivo παροξυσμός é, literalmente, uma “provocação”. Então, os cristãos deveriam exercitar uma espécie de supervisão, cuidado e controle mútuos, a fim de *provocar* intencionalmente o amor e as boas obras. Além disso, eles deveriam fazer incentivos mútuos a fim de manter a prática de se reunirem (Hb 10:25).

Hebreus 13 detalha e expande Hb 10:24-25, exigindo que os cristãos vivam em “amor fraternal” (φιλαδελφία) (Hb 13:1), que pratiquem o bem (εὐποιία [beneficência]), e a mútua cooperação (κοινωνία [contribuição, generosidade, comunhão, a participação, a partilha]) (Hb 13:16). A comunidade cristã é, definitivamente, uma associação fraternal.

2.2 O cuidado dos estrangeiros

Além disso, eles devem praticar a hospitalidade (φιλοξενία [amor aos estrangeiros]) (Hb 13:2), o acolhimento sem lugar para xenofobia e nacionalismo exarcebado. Na época, havia muitos que precisavam de hospedagem: os escravos que não tinham casa própria, os pregadores itinerantes, os irmãos tinham que viajar a negócios. As hospedarias e pousadas eram caras, sujas e de má fama. Naqueles dias também havia muitos cristãos isolados e travando batalha a sós. Talvez a necessidade de hospedagem hoje não seja a mesma da época,



mas o princípio permanece: o cristianismo era, e deveria ser ainda, uma religião de portas abertas.

No Antigo Testamento, um dos quatro grupos vulneráveis frequentemente protegidos pela lei e pelos profetas era o dos estrangeiros. Apesar dos estrangeiros que viviam em Israel poderem abraçar a aliança com Deus, oferecer-lhes abrigo e proteção de seus direitos legais não dependia de sua conversão religiosa. “Isso mostrava que a justiça e a compaixão de Israel não estavam confinadas apenas à sua comunidade da fé” (KELLER, 2013, p. 75). No Novo Testamento, o amor prático dos cristãos não deve se restringir aos que têm a mesma crença. (Gl 6:10)

2.3 O cuidado dos prisioneiros

Em Hebreus, os cristãos são elogiados porque “se compadeceram (συμπαθέω) dos que estavam na prisão” (Hb 10:34a), e com as vítimas de maus tratos (Hb 13:3). Essa *simpatia*, essa identificação com o sentimento e a dor dos que estão encarcerados, é da mesma espécie da *simpatia* que Cristo manifesta pelos pecadores em Hb 4:15. O próprio Jesus deu importância ao atendimento dos detentos, incluindo tal atividade como um dos critérios considerados no julgamento final (Mt 25: 36).

Certamente, incluem-se aqui temas atuais como a pastoral carcerária, os direitos humanos, a violência doméstica e infantil, dentre outros. O texto é uma aplicação da *regra de ouro* (Mt 7:12), e não orienta o cristão a perguntar se os que sofrem adversidades merecem ou não ajuda; para que o cristão se envolva, é suficiente que haja a necessidade de ajuda.

A obra *Constituições dos Santos Apóstolos*, obra provavelmente do terceiro século,² recomenda que o dinheiro ganho com o trabalho honrado dos cristãos seja usado para “a redenção dos santos, a libertação dos escravos e dos cativos, e dos prisioneiros, e daqueles que foram abusados, e daqueles que foram condenados por tiranos para um combate e morte por causa do nome de Cristo” (*Constituições dos Santos Apóstolos* 4.1.9) (ROBERTS; DONALDSON; COXE, 1997, p. 435).

2.4 O cuidado do casamento

² A data de criação das *Constituições* é incerta. Estima-se que seja do século III ou IV.



Outro dever cristão em Hebreus é a manutenção da pureza sexual, e a valorização do casamento “entre todos” (Hb 13:4). No contexto do império romano, a idolatria também estava associada à imoralidade sexual (WHITLARK, 2014, p. 59-61). O AT usa abundantemente a imoralidade sexual como metáfora para a infidelidade espiritual e a idolatria (por ex., Ez 16; 23; Os 1-4), e adverte sobre os perigos dos casamentos mistos levarem à idolatria. Em Hebreus, a imoralidade sexual e os casamentos mistos também poderiam estar relacionados às tentações de uma sociedade imperial idólatra.

No império, apesar do esforço inicial de Augusto César para moralizar o casamento, a atividade sexual crescia para além dos limites do casamento legal, e a licenciosidade se normalizava. Além disso, as leis a respeito do adultério concediam tratamento desigual a homens e mulheres, privilegiando os homens (EDWARDS, 2002, p. 35-38). É nesse ambiente que os cristãos, homens e mulheres (“entre todos”), são desafiados a viver uma ética sexual radicalmente diferente. E o fizeram de forma tão vigorosa que no século IV o imperador Constantino “revolucionou a visão estatal do casamento, a fim de colocá-lo mais de acordo com as ideias cristãs” (SCHMIDT, 2004, p. 85). Edward Gibbon afirma em seu clássico *História do Declínio e Queda do Império Romano* que “a dignidade do casamento foi restaurada pelos cristãos” (GIBBON, 1994, p. 813).

2.5 O combate à avareza

Os cristãos são advertidos contra a avareza (ἀφιλάργυρος, palavra que literalmente quer dizer “sem amor ao dinheiro”). Eles deveriam viver com contentamento (Hb 13:5). A avareza também é identificada como idolatria no Novo Testamento (Cl 3:5), e Mt 6:24 opõe Deus e Mamom. No império romano, os cristãos poderiam facilmente se deparar com as tentações relacionadas à riqueza e ao *status* (WHITLARK, 2014, p. 56-59).

Os cristãos tiveram sua propriedade privada confiscada pelo Estado (Hb 10:34). O confisco (ἀρπαγή, palavra que pode significar roubo, pilhagem, saque) dos seus bens foi encarado com resiliência, pois sabiam que possuíam bens superiores e permanentes. Os fieis heróis são descritos como necessitados [ὕστεροῦμενοι], oprimidos [θλιβόμενοι] e maltratados (Hb 11:37). No Novo Testamento, o verbo ὑστερέω descreve a necessidade material pela qual o filho pródigo passou (Lc 15:14), e as privações de Paulo (2Co 11:9; Fp 4:12). Da mesma



forma, o verbo $\theta\lambda\acute{\iota}\beta\omega$ descreve as aflições de Paulo (2Co 1:6; 7:5; 1Ts 3:4) e das pessoas necessitadas que deveriam ser atendidas pelos crentes (1Tm 5:10). O sofrimento dos cristãos deveria gerar neles simpatia pelos que sofrem (Hb 11:33, 36).

A ordem para manterem-se livres do amor ao dinheiro sugere que as pressões financeiras estavam entre os principais problemas enfrentados pelos leitores originais de Hebreus. Isso é indicado em Hb 10: 32-36 e, indiretamente, em Hb 11:25-26. E, talvez, a ênfase na futura “cidade” (Hb 11:10; 12:22; 13:14) tenha ocorrido em parte por sua experiência de alienação econômica e social na atual cidade deles. Como nos evangelhos, a atitude para com os pobres e necessitados revela a atitude do coração para com o próprio Deus (“[...] a mim o fizeste”, Mt 25:40; “[...] acolheram anjos sem saber”, Hb 13:2), e as exortações para ajudar os pobres e fugir do materialismo aparecem juntas tanto no Sermão do Monte (Mt 6:1-4; 19-24) quanto em Hebreus.

Hebreus tem uma curiosa visão econômica, na qual as necessidades dos crentes são atendidas no avanço do reino de Deus, e não se concentra em sua prosperidade pessoal. Portanto, se eles não têm nada, não se desesperam; se têm o suficiente, vivem satisfeitos; e se têm muito, sacrificam-se por causa de outros.

2.6 A promoção da justiça

Hebreus compartilha do mesmo zelo por justiça em favor dos vulneráveis que o Antigo Testamento apresenta: Jesus é apresentado como aquele que “ama a justiça” (Hb 1:9); as Escrituras são chamadas de “palavra da justiça” (Hb 5:13); Melquisedeque é denominado “rei de justiça” (Hb 7:2); os heróis do capítulo 11, pela fé, “praticaram a justiça” (Hb 11:33); e a disciplina divina produz “fruto de justiça” (Hb 12:11).

No Novo Testamento, a justiça tem a ver com a misericórdia, a caridade e as boas obras, “como está escrito: Distribuiu, deu aos pobres, a sua justiça permanece para sempre”. (2Co 9:9; cf. Mt 6:1; 1Jo 2:29; Ap 22:11). A justiça, por vezes, é uma referência ao próprio cristianismo (Mt 5:10), e uma das consequências da morte de Cristo é que os crentes “vivam para a justiça” (1Pe 2:24).

Os profetas do Antigo Testamento denunciavam a idolatria, a hipocrisia religiosa, e a injustiça social (a exploração do fraco e do vulnerável): “na cabeça dos profetas do Antigo Testamento, assim como no ensino de Jesus, o encontro com a graça leva inevitavelmente a



uma vida de justiça”. Como no Antigo Testamento, em Hebreus, a justiça é uma das marcas da verdadeira fé.

Como os profetas do Antigo Testamento, Hebreus trata a preocupação com a necessidade das pessoas como algo de extrema importância, igualando a prática do bem aos sacrifícios e ao próprio culto: “Por meio de Jesus, pois, ofereçamos a Deus, sempre, sacrifício de louvor, que é o fruto de lábios que confessam o seu nome. Não negligencieis, igualmente, a prática do bem [εὐποιΐα] e a mútua cooperação; pois, com tais sacrifícios, Deus se compraz” (Hb 13:15-16).

2.7 Viver condignamente

Ao distanciar-se do judaísmo, o cristianismo foi considerada *religio illicita* (religião ilegal) e a perseguição se intensificou. Apesar de fazerem parte de uma religião ilegal, um grupo à margem da lei, os cristãos eram bons cidadãos, segundo testemunhos da época. Em suma, como o próprio autor de Hebreus, o cristão deve viver condignamente (καλῶς) em todas as coisas. (Hb 13:18). A expressão grega traz a ideia de viver honestamente, de uma forma boa, corretamente, viver sem dar ensejo a acusações, com a consciência limpa, em todas as áreas da vida.

Esse estilo de vida foi reconhecido e registrado à época. Aristides de Atenas (século II) descreveu os cristãos como pessoas que vivem “na esperança e expectativa do mundo que há de vir”, que “não dão falso testemunho, [...] e sempre que eles são os juízes, eles que julgam retamente” (ROBERTS; DONALDSON; COXE, Vol X, 1997, p. 277).

Na descrição de Aristides, os cristãos apaziguavam seus opressores, tornando-os seus amigos, e faziam o bem aos seus inimigos. Com impressionantes palavras, ele descreve o tipo de comunidade fraterna que os cristãos formavam:

A falsidade não se encontra entre eles; e eles amam uns aos outros, e das viúvas eles não afastam sua estima; e eles libertam o órfão daquele que o trata com dureza. O que tem dá àquele que não tem, sem contar vantagem. E quando veem um estranho, eles o levam para as suas casas e se alegram com ele como se fosse um irmão próximo; pois não lhes chamam irmãos segundo a carne, mas irmãos segundo o espírito e em Deus. [...] E se ouvem que um deles está preso ou que sofre por causa do nome do seu Messias, todos eles ansiosamente ministram à sua necessidade, e se é possível resgatá-lo, eles o libertam. E se não houver entre eles algum que é pobre e necessitado, e se eles não têm comida de reserva, eles jejuam dois ou três dias, a fim de suprir ao necessitado em sua falta de alimentos (ROBERTS; DONALDSON; COXE, Vol X, 1997, p. 277).



3 A busca da paz em meio à perseguição

Em Hebreus, os cristãos são lembrados do período inicial de sua caminhada, “quando suportaram muita luta e muito sofrimento” (Hb 10:32). O caminho mais fácil e suave geralmente não é o caminho alinhado aos princípios de Cristo, pois “todos quantos querem viver piedosamente em Cristo Jesus serão perseguidos” (2Tm 3:12).

O Autor afirma que os cristãos “foram expostos (θεατρίζω, como espetáculo) a insultos (ὀνειδισμός, repreensão, acusação, difamação) e tribulações (θλίψις, literalmente, *pressão*); em outras ocasiões fizeram-se solidários com os que assim foram tratados” (Hb 10:33). Esse trecho não se refere às tribulações naturais da existência, mas à opressão deliberada, à perseguição propositalmente provocada, ao espetáculo planejado. Mesmo sob perseguição, há um engajamento cristão no apoio solidário aos que sofrem perseguição por questões religiosas ou de consciência.

A lembrança do martírio³ e da possibilidade de “resistir até o sangue” (Hb 12:4) revela que a mensagem de Hebreus não é conformista diante da injustiça estatal. Hb 12:4 diz que aqueles cristãos não tinham “resistido até ao sangue”, e parece que o Autor tem uma expectativa de que isso aconteça em breve. No entanto, há a instrução “seguir a paz (Εἰρήνην διώκετε) com todos”, literalmente, “*perseguem a paz*”, ou “*corram atrás da paz*”, uma postura ativa em busca da paz (Hb 12:14). O uso da expressão sugere mais que um pacifismo passivo, ou a não belicosidade desde que não desafiado, mas buscar ativamente a harmonia, o entendimento, sem violência. É a busca da paz oposta à espada (Mt 10:34), oposta à divisão e à desunião (Lc 12:51).

A lembrança do martírio no mesmo contexto que incentiva a busca da paz com todos leva à seguinte conclusão: o cristão fica desobrigado a obedecer a um governo que desconsiderou a designação divina da sua função (Rm 13:3). Quando uma ordem governamental entra em conflito com uma clara ordem de Deus, não há mais como seguir a paz com todos, e cumpre ao cristão desobedecer tal governo. Assim sendo, no contexto do culto ao imperador, os cristãos foram martirizados por não se submeterem ao poder de César e não reconhecerem outro Senhor além de Jesus.

³ Apesar de citar os mártires do passado, Hebreus não menciona nenhuma morte relacionada aos destinatários. Aparentemente, a perseguição enfrentada por essa comunidade ainda não tinha chegado a esse ponto.



Quando o Estado e a política adquirem contornos messiânicos, Hebreus lembra que a lealdade do cristão, assim como a sua esperança, não pode ser colocada em nenhum sistema de governo ou ideologia política, mas exclusivamente em Jesus Cristo.

Conclusão

A esperança escatológica não paralisa a atuação cristã como sal da terra e luz do mundo, antes, é um fator motivador. A redenção em Cristo Jesus tem como implicação principal a justiça sendo manifesta no aspecto social e político, partindo do *indivíduo* e da *cooperação fraternal* da comunidade cristã, sem esperar jamais por algum tipo de imposição estatal nesse sentido para então agir.

Há uma tensão em Hebreus: curiosamente, em Hb 13:12-14, o mesmo povo que aguarda uma *cidade* é convidado a sair em direção a Jesus, “*fora do arraial*, levando o seu vitupério” (Hb 13:13). O termo *arraial* (παρεμβολή) evoca a imagem de um acampamento fortificado, uma base de guerra que abriga um exército (como em Hb 11:34). O povo que busca a cidade celestial precisa sair desse arraial. Mas esse não é um chamado para alienar-se social e politicamente, e sim para deixar a segurança terrena prometida pelos poderes políticos, e aceitar a vida de peregrino na terra, que inclui sofrer como Cristo.

As esperanças e aspirações dos cristãos não estão relacionadas com nenhuma cidade terrestre nem com nenhum sistema político terreno. Os cristãos não têm nada a ver com a mentalidade de dentro do arraial, de dentro da fortaleza, da *Pax Romana*. Por pertencerem à cidade de Deus que há de vir, eles estão buscando essa cidade fora dos muros, desprotegidos e cheios de expectativas escatológicas (WENGST, 1991, p. 142), uma esperança escatológica engajada e com deveres sociais (como resume Hb 13).

Mais que a vitória de certa ideologia, sistema econômico, ou de certa classe social, o cristão é chamado para afirmar o senhorio de Jesus Cristo na história. Hebreus nos avisa que esperamos novos céus e nova terra, fala da pátria celestial, da cidade celestial, mas não ensina o isolamento ou a alienação, e sim um engajamento. Há uma tensão entre aguardar a cidade celestial e os deveres sociais. E essa tensão é saudável, pois, como destacou Freston (2016), o cultivo da espiritualidade, a vida devocional, é a única coisa que pode impedir que o *profetismo* cristão se degenere em mera revolta.

O seguidor de Cristo luta por um sistema mais justo, com leis mais justas, mas sem



falsas expectativas de transformar o velho homem à parte da graça de Deus, pois a salvação vem por meio de Cristo (Hb 5:9; 7:25; 9:28). Em suma, a leitura política de Hebreus revela que qualquer mobilização ou ação política cristã deve começar de joelhos, diante de Cristo, não de homens e suas ideologias. E, em Hebreus, essa ação cristã será motivada, e não distraída ou sufocada, pela esperança escatológica.

Referências

BEALE, Gregory K.; CARSON, D. A. *Comentário do uso do Antigo Testamento no Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2014.

CALVINO, Juan. *Epístola a los Hebreos*. Grand Rapids: SLC, 1977.

EDWARDS, Catherine. *The Politics of Immorality in Ancient Rome*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

FRESTON, Paul. *A reforma da igreja e a presença política: irmãs gêmeas*. 2016. Disponível em: <<http://www.ultimato.com.br/revista/artigos/322/a-reforma-da-igreja-e-a-presenca-politica-irmas-gemeas>>. Acesso em: 19 jul. 2016.

GIBBON, Edward. *The History of the Decline and Fall of the Roman Empire*. Vol 2. London: Penguin Books, 1994.

GUTHRIE, Donald. *Hebreus: introdução e comentário*. Série Cultura Bíblica. São Paulo: Vida Nova e Mundo Cristão, 1984.

HORSLEY, Richard A. *O reino de Deus e a nova desordem mundial*. São Paulo: Paulus, 2004.

KELLER, Timothy. *Justiça generosa: a graça de Deus e a justiça social*. São Paulo: Vida Nova, 2013.

KISTEMAKER, Simon J. *Comentario al Nuevo Testamento*. Grand Rapids: Libros Desafío, 1991.

NEWTON, Bert. *Subversive Wisdom: Sociopolitical Dimensions of John's Gospel*. Eugene: Wipf & Stock, 2012.

ROBERTS, Alexander; DONALDSON, James; COXE, A. Cleveland. (eds.). *The Ante-Nicene Fathers: translations of the writings of the Fathers down to A.D. 325*. Vol VII. Oak Harbor: Logos Research Systems, 1997.

SCHMIDT, Alvin J. *How Christianity Changed the World*. Grand Rapids: Zondervan, 2004.



Em Busca do Bem Comum:

Política e Economia
nas Sociedades Contemporâneas

04 a 06 de Outubro de 2017



WENGST, Klaus. *Pax romana: pretensão e realidade*. São Paulo: Edições Paulinas, 1991.

WHITLARK, Jason A. *Resisting Empire: rethinking the purpose of the Letter to “the Hebrews”*. New York: Bloomsbury T&T Clark, 2014.